

FESTIVAL CULTURAL DE S.DOMINGOS

“Nó laba rostu di nó Guiné”

(18 a 20 de Dezembro de 2009)



A dinâmica transfronteiriça entre a Guiné-Bissau e o Senegal, para ter sucesso e prolongar-se duradouramente ao longo dos anos, não pode basear-se exclusivamente em apenas um domínio, como por exemplo o ambiental. As identidades e afinidades entre as comunidades dos dois lados da fronteira decorrem de aspectos ligados a actividades económicas, de produção, comercialização, de carácter social e cultural, que exigem uma conjugação e complementaridade de iniciativas que permitam potenciar cada uma destas vertentes.

Será desta forma que se obterão níveis de confiança recíproca que permitam às comunidades dos dois lados da fronteira aceitarem partilhar dificuldades e destinos comuns, realizarem programas de entre-ajuda e intervirem de forma complementar para a resolução de conflitos e diferendos locais e para o seu progresso e desenvolvimento.

Só nesta base se conseguirão identificar as formas de gestão do território continental e marinho, potenciar as regras tradicionais numa perspectiva mais moderna que tenha em conta os novos desafios de uma economia de mercado, mais consumidora dos recursos naturais.

A cultura, pelo envolvimento que consegue de jovens, mulheres, agricultores, pescadores, caçadores, autoridades tradicionais e administrativas, aliado a órgãos de

comunicação comunitária como as rádios e televisões, pode representar um veículo de enormes potencialidades na aproximação dos povos fronteiriços e, assim, propiciar iniciativas entre os diferentes sectores sociais, desde associações profissionais (pescadores, fruticultores, extractoras de óleo de palma, etc.), que conduzam à tomada de medidas consensuais sobre o desenvolvimento económico e gestão durável dos recursos naturais.

O resgate da cultura tradicional das pequenas etnias e das que estão em vias de serem absorvidas por outras, contribuirá para uma sua maior afirmação e auto-estima das populações dos Parques Nacionais de Cacheu e da Casamansa.

O Festival Cultural de S.Domingos persegue fundamentalmente esse objectivo.

CULTURA – ELEMENTO DE UNIÃO

A instabilidade política e militar na qual a Guiné-Bissau tem vivido nos últimos anos, exige que se procurem todos os elementos que sirvam de referência para a recriação de uma consciência nacional baseada em valores em que todos se reconheçam, se sintam orgulhosos, partilhem, dialoguem, divulguem e assumam como sua, a cultura e história dos outros.

Daí que o registo e valorização das diferentes facetas das manifestações culturais dos grupos étnicos existentes, alguns em perigo de desaparecimento por razões de absorção e integração por outras etnias, como os banhuns, cassangas e baiotes, possa permitir à maioria o conhecimento e acesso a essas manifestações culturais, retirando-as do esquecimento e promovendo-as a património cultural nacional.

A promoção de grupos culturais modernos favorece a criação ou consolidação dos movimentos contra uma “cultura” urbana que despreza a tradicional, porque rural, lutando contra a intolerância e discriminação sexual e religiosa.

Neste processo, mais do que as instituições ou organizações, serão os artistas e pessoas a serem chamados a assumir o seu papel de líderes de uma cultura de unidade, de concórdia e de desenvolvimento nacional.

Esta acção, para além de ter um reflexo interno em termos de coesão social, vai produzir material cultural (CD, DVD, livros, cantos, estórias, artesanato) e criar grandes espaços para manifestações culturais que permitirão aos outros países e outros continentes, começarem a reconhecer a riqueza da Guiné-Bissau enquanto país de Cultura e História.

O surgimento de um espaço para a criatividade e originalidade dos jovens artistas irá permite-lhes melhorar as suas condições económicas, inserirem-se no mercado da cultura e desenvolverem uma linha de turismo cultural.

As áreas específicas envolvidas, como o teatro, a música e a dança, começam agora a tentar conquistar um espaço de intervenção e, pelo seu conteúdo, a assumirem-se como a consciência crítica e combativa de um sector activo da sociedade guineense, em especial dos jovens. Criar condições para que estes sejam actores e protagonistas da mudança e da procura de uma identidade cultural coesa é o desafio deste Festival.

Os resultados a alcançar passam pela melhoria do acesso à cultura (através da pesquisa, levantamento e promoção de grupos tradicionais de música dança e teatro, livros de história tradicionais, festivais regionais e nacionais, difusão de CD, DVD e através de rádios comunitárias e televisões); melhoria da apropriação; melhoria da preservação do património cultural; salvaguarda do património cultural em risco e melhoria da capacidade dos promotores culturais.

SIM À TOLERÂNCIA

O país vem vivendo nos últimos anos um clima de violência e instabilidade, onde a lógica militar se sobrepõe a uma visão humanista e dialogante, arrastando a sociedade para a intolerância, o não respeito por valores éticos e o retrocesso no uso de práticas boas, sob pretexto de que elas seriam genuinamente tradicionais e africanas. O surgimento de correntes populistas proclamando uma “autenticidade” negativa, está aí para o provar. Uma minoria, muito reduzida e com pouco espaço de intervenção, tem vindo a apresentar-se de forma inovadora e criativa na abertura de uma frente cultural que se afirma como contraponto e alternativa à anterior. Se a luta pela independência foi essencialmente um acto de cultura, já o desenvolvimento e progresso sê-lo-á necessariamente se o quisermos como instrumento de unidade, tolerância étnica e paz.

O desaparecimento gradual de valores e referências culturais na sociedade guineense é também fruto da não valorização de uma componente cultural que vá buscar à tradição os conceitos de solidariedade e entreajuda, e à modernidade os pressupostos de cidadania e democracia social, económica, cívica e política. Se a rejeição da violência é um dado adquirido e expresso pelo povo guineense, a procura de alternativas permanece difícil de concretização, servindo este Festival para criar formas de envolvimento e participação neste desafio vital para a sobrevivência do país como uma Nação e Estado.

Este Festival irá inscrever-se num programa mais vasto, mas ainda embrionário, de capacitação, difusão e promoção cultural que passa pelo reforço e apoio a escolas de música, pintura, teatro e artesanato, fornecimento de produtos culturais (filmes, danças e músicas sob a forma de CD e DVD), às rádios e televisões, incluindo as comunitárias, e dos grupos de teatro moderno e tradicionais (*mandjuandades*).

PROGRAMA

O Festival decorrerá na cidade fronteiriça de S.Domingos, entre os dias 18 e 20 de Dezembro de 2009, decorrendo actividades culturais desde as 9h00 às 24h00, incluindo a participação diária de músicos da zona do Parque de Cacheu (parte norte e sul), da Casamança e consagrados de Bissau; grupos de teatro de S.Domingos, Suzana, Varela e Bissau; e grupos de dança tradicional.

O palco para as actividades será o Estádio Municipal e a abertura na Rotunda de entrada da cidade de S.Domingos (frente à Administração).

APOIOS

O Festival Cultural de S.Domingos conta com o apoio da ONG holandesa ICCO, a UICN, o Programa PRCM e a Administração do sector de S.Domingos.